

## “Diz-me como jogas e te direis quem és...”: estilos de jogar futebol em Pasolini, Freyre e DaMatta

“Tell me how you play and I will tell who you are...”:  
Football playing styles in Pasolini, Freyre and DaMatta

André Mendes Capraro<sup>1</sup>  
andrecapraro@onda.com.br

---

**Resumo:** O objetivo do presente texto é apresentar uma reflexão sobre algumas interpretações amplamente reconhecidas e muito difundidas no tangente aos estilos de jogar o futebol e suas respectivas correlações com as identidades nacionais. Para tanto, selecionaram-se as formulações de três intelectuais renomados: Gilberto Freyre, Roberto DaMatta e Pier Paolo Pasolini. Todos formularam as suas interpretações a partir de aporias (dualismos), respectivamente: estilo apolíneo *versus* dionisiaco; futebol arte *versus* futebol força; futebol em poesia *versus* futebol em prosa. Embora pautados em diferentes argumentos, os três apontam para uma mesma tese: a de que existem diversos estilos de jogo e que estes foram naturalmente construídos, sobretudo, sob o impacto da diversidade cultural entre os países da América do Sul e Europa.

**Palavras-chave:** futebol, Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, Pier Paolo Pasolini.

**Abstract:** The aim of this paper is to present a reflection about some of the most important theories explaining the styles of playing football and their correlations with national identities. Therefore, it selected the conceptions of three renowned intellectuals: Gilberto Freyre, Roberto Da Matta and Pier Paolo Pasolini. Their theories were elaborated starting from dualisms, respectively: Apollonian versus Dionysian style; art football versus strength football; football in poetry versus football in prose. Although guided by different arguments, the three authors point to the same thesis: that there are many different styles of playing and they were naturally built, especially under the impact of cultural diversity among the countries of South America and Europe.

**Keywords:** football (soccer), Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, Pier Paolo Pasolini.

---

## Introdução

Este texto faz parte de um projeto maior que objetiva – *grosso modo* – pesquisar a presença do futebol na literatura italiana. No contato com as fontes, ficou evidente a influência de Pier Paolo Pasolini nesta temática (Maurer e Maurer, 2000)<sup>2</sup>. E não exclusivamente dos seus textos, mas também da sua pai-

---

<sup>1</sup> Bolsista de Pós-Doutorado CAPES – Universidade Ca'Foscari di Venezia. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

<sup>2</sup> Poeta, narrador, dramaturgo e cineasta italiano, nascido em 1922.

xão pelo futebol, enquanto torcedor, um apaixonado pela modalidade. Os poucos e irregulares escritos de Pasolini foram publicados em jornais, a maioria ensaios e crônicas. Um, em especial, é o mais conhecido e citado, tanto na Itália quanto no Brasil: “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori” (O futebol é uma linguagem com os seus poetas e prosadores), publicado originalmente no periódico *Il Giorno*, em 1971.

Neste ensaio, a partir do exemplo das seleções da Copa do Mundo do México (1970), o polêmico intelectual italiano explicitaria os diferentes estilos de se jogar o futebol, usando uma metáfora simples, baseada em dois gêneros literários – a poesia e a prosa. Ao ler tal texto, foi inevitável não pensar em outras formulações amplamente conhecidas, sobretudo no Brasil, que também tentaram categorizar o futebol, como as interpretações de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta. Neste sentido, o objetivo aqui traçado é o de apresentar uma reflexão crítica a respeito destas interpretações sociais, formuladas por Pier Paolo Pasolini, Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, no tangente aos estilos de jogar o futebol e suas respectivas correlações com as identidades nacionais.

A escolha de tais autores se deu pelo impacto dos mesmos não só no meio acadêmico, mas também no público em geral, ao proporem uma concepção do que representaria socialmente o futebol nas sociedades brasileira e italiana. E, nos três casos, guardadas as devidas particularidades que serão tratadas na sequência, percebem-se formulações de identidades, sejam elas nacionais ou até continentais.

Ressalta-se que não se trata de uma seleção pelo volume dos escritos, tampouco pela dedicação à temática, já que nenhum dos três autores pode ser considerado um especialista ou pesquisador do esporte. A escolha foi, então, qualitativa, tendo em vista o alcance dos seus textos e a reverberação dos mesmos.

Problematiza-se, assim, como estes modelos interpretativos que oscilam entre a análise da prática em si e a contextualização das sociedades nas quais a mesma está presente, desenvolvidos sempre por meio de aporias dicotômicas entre o “eu” e o “outro”, ajudam na criação de uma representação do que seria o nacional ou o continental com alcance considerável, mesmo que por meio de metáforas de simples interpretação e estando circunscritos a um fenômeno muito específico, o futebol<sup>3</sup>.

Mesmo com a proposta de refletir sobre tais explicações e as suas proximidades e distanciamentos, cabem algumas ressalvas em relação aos procedimentos

metodológicos. Por sinal, de forma pouco ortodoxa, apontar-se-á primeiramente o que não será feito, exatamente com a finalidade de não “engessar” a reflexão, tornando-a uma rigorosa análise. Sendo assim, embora tenham sido selecionados três autores, não é prioridade a comparação por meio das técnicas e métodos da literatura ou história comparada, até porque a comparação implicaria a escolha de determinados parâmetros comparativos, cuidado aqui não tomado.

A precaução cabível é apontar, de antemão, as sensíveis diferenças tanto espaciais quanto temporais na criação de tais formulações. É necessário atentar que Gilberto Freyre explicitou sua tese (aqui, com o sentido de ideia) acerca do futebol já em uma crônica publicada no *Diário de Pernambuco* em 1938:

*O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia e ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, [...] alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogando tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1945, p. 421-422)<sup>4</sup>.*

A tese foi complementada nove anos depois, no prefácio da primeira edição da obra *O negro no futebol brasileiro*, hoje considerada um clássico, publicada em 1947. Pier Paolo Pasolini, por sua vez, embora também tentasse explicar em seu texto prioritariamente o estilo de jogar italiano, acaba usando o selecionado brasileiro como contraponto, já que o ensaio em que lança seus preceitos é de janeiro de 1971 – isto é, somente alguns meses após a Copa do Mundo de 1970, cuja final fora exatamente entre Brasil e Itália. Já Roberto DaMatta, o único ainda vivo, escreve até hoje artigos assinados em jornais, defendendo sua tese central, lançada em 1982, no texto “Futebol: ópio do povo X drama de justiça social”, da obra em forma de coletânea, organizada pelo próprio DaMatta e outros, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*.

<sup>3</sup> Arte/força (DaMatta), apolíneo/dionisiaco (Freyre), poesia/prosa (Pasolini).

<sup>4</sup> Originalmente: Football Mulato, *Diário de Pernambuco*, 17/08/1938.

## Um mesmo gênero literário, o ensaio

Embora com formações e exercendo ofícios diversos, Gilberto Freyre, Roberto DaMatta e Pier Paolo Pasolini escreveram, ao menos na maioria dos textos em que tratavam do futebol, sob o formato de um mesmo gênero literário, o ensaio.

Tal gênero – um dos mais controversos, pois é considerado “literatura de fronteira” (Chiappini e Bresciani, 2002), localizado entre a literatura pura e a acadêmica – caracteriza-se por não apresentar uma preocupação com os rigores acadêmicos, ao mesmo tempo em que sustenta uma tese central (Capraro, 2013)<sup>5</sup>. Ou seja, no vaivém de argumentos e da preocupação estética típica da literatura, os autores articulam a criação de um modelo explicativo. Como acrescenta Carlo Ginzburg, sobre a origem deste estilo: “A erudição domina as discussões entre amigos nas quais se reconhece a origem remota do gênero ensaístico” (Ginzburg, 2004, p. 12-13).

Convincente por excelência, o ensaio transpõe o seletor público acadêmico, tendo em vista que apresenta elevado grau de literalidade, muitas vezes abrindo mão de elementos comprobatórios e argumentativos típicos do meio acadêmico – como as citações, os dados e as estatísticas, por exemplo –, em favor do uso de causos e experiências pessoais. Observa-se, a mote de exemplo, este pequeno trecho de Roberto DaMatta: “Se você entrevistar dez membros da elite brasileira, pedindo a cada um a lista do que gosta e do que odeia, certamente o futebol, o carnaval, o jogo do bicho e a cachaça surgirão na coluna das coisas detestáveis, do lado massificador e alienante da vida em geral e do Brasil em particular” (DaMatta, 1982b, p. 54). Esta carência de elementos acadêmicos para comprovar a tese elencada é suprida, também, pela elegância do texto, não raro pelo uso da narrativa e/ou pela apresentação de um enredo, mas, principalmente, pelo elevado capital simbólico dos autores que se apropriam deste gênero.

Partindo desta constatação, deduz-se que, para ser bem recebido pelo público leitor, o escritor precisaria estar instituído. Aliás, não só instituído, mas fortemente instituído; caso contrário, corre-se o risco de o texto ser avaliado pelos leitores como um trabalho acadêmico com poucos elementos comprobatórios, ao menos aqueles ortodoxos citados acima – citações, hipóteses, dados, enfim. Alguns exemplos de autores acadêmicos que seguiram esta trajetória e que escreveram ensaios são Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado Junior, Umberto Eco e Carlo

Ginzburg. São também os casos de Gilberto Freyre e Roberto DaMatta; Pier Paolo Pasolini, em contrapartida, ganhou reconhecimento social como cineasta e escritor (com ênfase na poesia), mas chegou também a lecionar no início da carreira.

Por sinal, muitas vezes o leitor é conduzido ao texto exatamente por conhecer o autor. Outras, por motivos diversos, sem sequer saber, *a priori*, da existência de uma tese amalgamada ao quase sempre fortuito, descompromissado e agradável texto. Isto faz com que a ideia central seja absorvida pelo leitor com mais naturalidade, como se fosse uma espécie de moral da história e não a pauta central, cuidadosa e delicadamente desenvolvida pelo ensaísta.

Valendo, em última instância, a ressalva de que o gênero ensaio não era uma exclusividade na produção destes três intelectuais. Freyre, por exemplo, como já afirmado, esboçou a sua reflexão inicial acerca do futebol em uma crônica de jornal, mas o tom ensaístico estava presente, mesmo em se tratando de outro gênero literário.

## Por que o futebol?

Como exposto anteriormente, não se pode considerar nenhum dos três autores como especialista em futebol. Fica então a questão: por quais motivos estes intelectuais escolheram esta modalidade esportiva para fins explicativos da sociedade em geral? Qual a proximidade (ou não) que cada um tinha com esta prática física? E quais seriam – respeitando as suas diferentes temporalidades – as respectivas definições do que era o futebol?

Seria cair na obviedade argumentar que o futebol transcende os limites do esporte, podendo ser considerado um bem cultural do Mundo, ainda mais em países como Brasil e Itália. Seria tão óbvio quanto dizer que economicamente este esporte gera cifras astronômicas, a ponto de ser uma das mais representativas opções da indústria de entretenimento globais. Neste segundo ponto, cabe a ressalva de que Pasolini e, principalmente, Freyre escreveram antes dessa ascensão econômica da modalidade.

Parece que as motivações pessoais só são evidentes no caso de Pier Paolo Pasolini. O cineasta italiano nunca negou a paixão pelo futebol. Era torcedor do *Bologna Football Club* e na infância e adolescência chegou a treinar, pensando em se tornar um jogador de futebol. Mesmo quando mudou os rumos da sua vida, direcionando-se às artes, cinema de vanguarda e literatura, não abandonou a prática do futebol, a qual manteve até o seu assassinato em 1975. Além disso, sempre que possível assistia às partidas do Bolonha, como também de outras equipes (já quando

<sup>5</sup> Literatura de fronteira – obras situadas exatamente nos limites entre a ficção e a realidade. Tratando-se, então, de “Dimensões diversas, multifacetadas e complexas a analisar caso a caso, configuradas seja no esforço de historiadores e ficcionistas e artistas para construir um imaginário da identidade brasileira [...]” (Chiappini e Bresciani, 2002, p. 10-11).

morava em Roma) e da esquadra italiana – tanto que a sua tese central foi formulada a partir das observações dos jogos do Brasil e da Itália no Mundial de 1970. Essa motivação para escrever, originária da mais pura paixão pelo esporte, é reforçada neste pequeno excerto de uma entrevista dada por Pasolini, no dia 04 de janeiro de 1973, ao jornalista Enzo Biagi, publicada no jornal *La Stampa*: “Sem cinema, sem escrever, o que o senhor gostaria de se tornar? Um ótimo jogador de futebol. Depois da literatura e do eros, para mim o futebol é um dos grandes prazeres” (Pasolini, s.d., tradução minha).

Gilberto Freyre nunca demonstrou interesse pessoal pelo esporte, chegando a admitir que pouco conhecia a respeito do mesmo. Por outro lado, sempre atento aos fenômenos sociais, observava que aquele jogo se tornava popular rapidamente. Tanto que um dos seus amigos mais próximos, o escritor José Lins do Rego, ao mudar-se para o Rio de Janeiro, mesmo em idade madura, tinha mostrado um súbito encantamento pela modalidade, em especial, pela equipe do Flamengo. Esta paixão fora de época de Lins do Rego pelo Flamengo foi decisiva para que Freyre escrevesse sobre o futebol, pois foi o próprio Rego que intermediou o contato entre Freyre e o celebrado jornalista Mario Rodrigues Filho, o proprietário do *Jornal dos Sports*. A proximidade entre os dois conterrâneos pernambucanos iria se intensificar nos anos vindouros, quando os encontros eram regulares na confeitaria Colombo, no Café Nice e na livraria José Olympio (Castro, 1992, p. 212; Soares, 2006, p. 150-152). Freyre, impressionado com a importância social atribuída a tal esporte e vislumbrando a possibilidade de reforçar a sua tese acerca da integração racial apresentada em *Casa Grande & Senzala*, solicitou então a Mario Filho – a quem considerava um especialista e profundo conhecedor do assunto – que escrevesse um livro de história do futebol, pautado, evidentemente, na ascensão do negro por meio desta prática.

*É, eu quis muito que ele [Mário Filho] escrevesse essa história. Eu lhe disse, eu escrevo o prefácio – como realmente escrevi –, vai ser um livro, eu estou certo disso, um livro-bomba mesmo. Mas precisava ser bem escrito, literariamente bem escrito, com fatos que não fossem contestados, porque na história de qualquer esporte há sempre dúvida sobre quem foi o maior nesse ou naquele jogo. Tem que ser apurada e não movida pelo entusiasmo de qualquer um por um herói. É um livro que deve fazer parte de uma grande história do futebol brasileiro (Freyre, 2000).*

Como descrito acima, o próprio Freyre se prontificou a escrever o prefácio do livro. Neste brevíssimo ensaio – mas não menos importante por isto – reforçou a sua tese central, a qual Mario Filho conseguiu consolidar nas centenas de páginas sucessivas da sua obra jornalística com pretensões historiográficas. Estava consolidada não só uma tese, mas uma versão da história do futebol brasileiro que, atualmente, pode ser chamada de oficial, tamanha a aceitação do público em geral (mesmo entre os que não leram a obra, pois é reproduzida pela grande imprensa). Tanto que, em uma análise geradora de polêmica, Antonio Jorge Soares, apropriadamente, define-a como um “freyrismo popular” (Soares, 1999, p. 121).

Roberto DaMatta também não apresenta motivos pessoais evidentes. Em algumas entrevistas, chegou a relatar que, quando jovem, assistia esporadicamente aos jogos do Fluminense, mas nada além disso. Assim como Freyre, vislumbrou na temática futebol uma forma de reforçar a sua macroteoria explicativa da sociedade brasileira, publicada em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, cuja primeira edição é de 1979. Existem alguns indícios da falta de proximidade do autor com o futebol, pois são poucas e sucintas as menções ao mesmo nesta obra clássica. Por exemplo, o autor negligencia, nos capítulos em que tratou da malandragem, uma das figuras mais icônicas e representativas deste estereótipo<sup>6</sup> do brasileiro, o jogador Mané Garrincha. Muito provavelmente, a ideia de que o futebol – talvez até de forma mais satisfatória que o carnaval, o dilema do “sabe com quem está falando?” e a lógica da malandragem – explicasse o Brasil surgiria apenas após o contato com pesquisadores como Arno Vogel, Luiz Felipe Baêta Neves e Simoni Lahud Guedes<sup>7</sup>. Em parceria com estes, DaMatta organizou uma obra de amplo reconhecimento no meio acadêmico: *Universo do futebol*. O impacto da obra se explica pela abordagem inédita e pelo contexto histórico: publicada no ano de 1982, no ápice do Movimento “Diretas Já”, rompia com a interpretação do futebol sob o viés classista, ou seja, o futebol como elemento fundamental da cultura brasileira, em detrimento à prática considerada alienante da classe operária, oferecida e controlada, logicamente, pela burguesia.

É exatamente como contraponto à lógica nacional do “você sabe com quem está falando?” – isto é, da popularmente chamada “carteirada”, representação de uma estratificação social clientelista, arbitrária e impositiva, cujas leis são aplicadas somente a quem não detém nenhum poder institucional (a ampla alcunha de “autoridade”) ou àquele

<sup>6</sup> Cabe a ressalva que DaMatta atribui à malandragem aspectos positivos. *Grosso modo*, esta é caracterizada pelo improviso e pela criatividade diante de situações complicadas, geralmente uma resposta dos mais pobres à opressão dos extratos sociais mais abastados.

<sup>7</sup> O próprio Roberto DaMatta relataria sua “[...] dívida intelectual para com os referidos trabalhos de Baêta Neves e Arno Vogel” (DaMatta, 1982a, p. 54). Nota: DaMatta publicaria o mesmo texto do livro, na revista *Novos Estudos do CEBRAP*, nº 4, também em 1982. Versão aqui utilizada.

que não conta com a proteção de quem o tenha (o “padrinho” ou “as costas quentes”) – que DaMatta encontra a sua definição de futebol: um drama social, já que é imprevisível, mas ao mesmo tempo um espaço democrático, porque o torcedor tem a possibilidade de livre manifestação, bem como a (rara no país) condição de igualdade, tendo em vista que as equipes sempre estão (ao menos no início) com o mesmo número de atletas, partem de um resultado igualitário e também porque é uma das poucas modalidades na qual não é tão incomum o mais fraco vencer o favorito. Nas palavras do próprio autor...

*No futebol (como na chamada “vida real”), os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com um certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, ou as coincidências, os erros e os acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela para meios mágicos de vitória (o que é muito comum no futebol brasileiro), a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca no da certeza. Ora, é precisamente essa interação complexa do time com o time adversário, do time com ele mesmo, das duas equipes com as regras que governam o espetáculo e das equipes, regras e público com os controladores da partida (juizes e bandeirinhas) que cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um drama. É sem dúvida essa complexidade que permite tomar o jogo de futebol como uma metáfora da própria vida (DaMatta, 1982a, p. 57).*

Em síntese, DaMatta concebe no futebol um lócus de singularidade, tendo em vista que – ao lado do carnaval e do samba – é um dos poucos espaços de “real democracia” no Brasil (aquela em que os pobres têm as mesmas possibilidades que os ricos) e, por isso, apropriado pelos populares como palco para representações dramáticas, devido às condições favoráveis que tal modalidade apresenta, a saber: a imprevisibilidade de resultados e como os mesmos foram construídos; a possibilidade do improviso técnico (o drible, por exemplo).

Ao apresentar a definição do futebol por Gilberto Freyre, é necessário lembrar a questão da temporalidade. Roberto DaMatta, mesmo antecipando a possibilidade de uma abordagem culturalista que extrapolava a interpretação marxista pelo viés classista, não teve como escapar de, ao menos, apresentar a ideia de um contraponto ao macromodelo explicativo predominante na época. Necessidade explícita, inclusive, no próprio título do ensaio: “Futebol: ópio do povo X drama de justiça social”; ao passo que Freyre, cuja tese foi lançada no final da década de 1930, não tinha a mesma necessidade.

Isto se refletiu em uma interpretação mais direta e menos cuidadosa. Na onda ufanista e – por que não? – nacionalista emergida com a criação do Estado Novo, Gilberto Freyre atenta à importância do futebol na sociedade brasileira. Tal esporte seria um importante reforço da tese apresentada em *Casa Grande & Senzala* (cuja primeira edição é de 1933) de que o Brasil era um país no qual a integração racial entre o negro, o branco europeu (refere-se exclusivamente ao português) e o indígena (Freyre, 1999; Castro, 1992, p. 212-213). Portanto, este esporte não seria uma das raríssimas oportunidades de igualdade no país, como concebido por Roberto DaMatta; muito menos cauteloso, Freyre o credencia como uma manifestação cultural que representa *ipsis litteris* a própria sociedade brasileira. Seria o próprio Brasil.

*O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol [...] (Freyre, 2004, p. 25).*

O futebol seria, para Freyre, mesmo com as suas características já abasileiradas, um dos elementos responsáveis pelo autocontrole individual e pelo refinamento de determinados fenômenos sociais em estado bruto, como o cangaço, a capoeiragem, o samba e as danças. Levando-se em conta o estilo ensaístico, caracterizado pela constante utilização de hipérboles e pouca preocupação em apresentar dados mais sólidos em relação ao seu “diagnóstico”, seria o que concluía o autor.

*O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parapsicológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones Ítalo-Brasileiros. A capoeiragem, livre*

*de Sampaio Ferraz, teria, provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob forma de conflitos mais sérios que os antigos entre valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria se conservado tão particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para a nossa cultura e para o seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência (Freyre, 2004, p. 24-25).*

Não à toa, o irmão mais novo de Mario Filho, Nelson Rodrigues, renomado dramaturgo, escritor e cronista e que também pertencia ao círculo intelectual de Freyre, refletia: “[...] o que é o escrete? Digamos: – é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes” (Rodrigues, 1994, p. 179)<sup>8</sup>. Pois o mesmo seria, então, a encarnação de valores positivos da sociedade brasileira, oriundos de um processo relativamente pacífico de integração racial. O conjunto destes valores tipicamente nacionais, Freyre costumava chamar de *mulatismo flamboyant* ou, em outras ocasiões – mas sempre com o mesmo sentido –, de *brasilidade*. Era por meio da ginga, da malandragem – no mesmo senso valorativo atribuído posteriormente por DaMatta (2006) –, da indisciplina e do improviso, que se construía um modo específico e superior aos demais de jogar o futebol no Brasil. E vale a nota de que o autor escreveu este texto em 1947, mais de dez anos antes do país se sagrar campeão mundial pela primeira vez. Tanto que este prematuro diagnóstico de que o futebol brasileiro era superior aos demais, com a conquista do bicampeonato da Copa do Mundo em 1958-1962, elevou a dupla Gilberto Freyre e Mario Filho (o segundo, com mais ênfase) à condição de celebridade no cenário esportivo, porque prognosticaram, com mais de dez anos de antecedência, a soberania nacional no cenário mundial – ao menos, na fraterna opinião de Nelson Rodrigues (1993, 1994, 2002).

Finalmente, volta-se à concepção de futebol para Pier Paolo Pasolini e, mais uma vez, é necessário refletir sobre a presença no entorno do materialismo dialético. O caso do escritor e diretor italiano é mais complexo, porque este, por muito tempo, se mostrou engajado no movimento de esquerda italiano, logo, teria que explicar qual o sentido da paixão por um esporte considerado,

por muitos intelectuais do seu círculo de convívio, como prática burguesa (Wisnik, 2008, p. 15).

No início, contrito por gostar do futebol, Pasolini, pouco convincente, propunha que o mesmo fosse compreendido como uma apropriação proletária, na qual a massa teria a possibilidade de manifestar-se livremente; ao contrário da cultura erudita, na qual a “pequena burguesia” deveria apresentar um comportamento contido e regulado. Portanto, não deixava de ser uma forma de fazer política, ao mesmo tempo em que poderia ser considerada uma conquista da cultura popular (Wisnik, 2008). Por sinal, concepção próxima a de outro apreciador do futebol e marxista, o historiador Eric Hobsbawm, que considerava o futebol na sua gênese “[...] como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga [...]” (Hobsbawm, 2000, p. 268). Depois alçado à condição de arte: “[...] e quem, tendo visto a Seleção Brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte?” (Hobsbawm, 1995, p. 197).

Mais tarde, em 1970, sem abandonar as suas convicções<sup>9</sup> de esquerda e de vanguarda, só que detentor de enorme capital simbólico, Pasolini flexibilizaria a sua definição de futebol em uma entrevista dada ao jornal *L'Europeo*. O esporte era definido pelo polêmico escritor e cineasta italiano como “[...] a última representação sacra do nosso tempo. No fundo é um rito, mesmo sendo uma válvula de escape. Enquanto outras representações sacras, até mesmo a missa, estão em declínio, o futebol é a única a permanecer. O futebol é o espetáculo que substituiu o teatro” (Pasolini, 1970).

As ideias da sacralidade e do espetáculo, em Pasolini – bastante próximas as de Hobsbawm, mas sem evidências de que o segundo, que escreveu décadas depois, tenha lido o primeiro –, foram fundamentais na concepção do que seria o futebol para o literato: a articulação de dois elementos culturalmente arcaicos, a religião e a arte, ou seja, uma espécie de rito em um palco cênico e com plateia.

## O futebol bipolar – metáforas e modelos culturais

Outro ponto em comum entre os três ensaístas é o uso de um recurso específico, a metáfora, para explicar os diferentes tipos de futebol. E, também para os três, como já apontado, estes diferentes tipos se restringem a dois, em uma relação bipolar, ou seja, do modo como são usados

<sup>8</sup> Originalmente: A Pátria em chuteiras, *O Globo*, 02/06/1976. A respeito das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues e o seu círculo de relacionamentos/influências ver as obras de Antunes (2004) e Capraro (2013).

<sup>9</sup> Observa-se que posicionar-se claramente entre esquerda ou direita é quase uma necessidade na Itália: os canais televisivos estatais (RAI) são divididos entre esquerda e direita, apresentando programação (principalmente os telejornais) de acordo com determinada lógica ideológica; a maioria das torcidas organizadas (ultras) apresenta-se como de direita ou esquerda; enfim, os intelectuais, as rádios, os jornais e até mesmo os cidadãos. Em síntese, o posicionamento político bipolarizado é elemento fundamental na definição de identidades individuais e coletivas neste país.

pelos autores, podem até ser considerados antagônicos, embora tal afirmativa não seja um consenso. A poesia *versus* a prosa, o apolíneo *versus* o dionisíaco e a arte *versus* a força são, assim, representações de dois modos diversos de jogar o futebol, sendo, grosso modo, um mais característico do estereótipo europeu e o outro do sul-americano (principalmente, o brasileiro).

O primeiro, temporalmente, a apresentar o modelo foi Gilberto Freyre, antes mesmo da seleção nacional obter importância no cenário mundial, em 1938. Pautado nas categorias de apolíneo e dionisíaco – dois dos principais deuses da mitologia grega –, o autor era influenciado pela explicação da antropóloga Ruth Benedict, com a qual teve aulas durante a sua estadia nos EUA. Benedict (2000) usava de tais elementos para explicar dois padrões culturais básicos: um essencialmente voltado ao prazer e pouco adepto ao regramento (dionisíaco); e o segundo centrado na harmonia e conformismo. A autora, por sua vez, apropriou-se das categorias de Nietzsche formuladas para refletir sobre as tragédias gregas (1992).

Porém, mesmo evidentemente não sendo o formulador de tais categorias explicativas, Freyre fez uma livre interpretação, tanto que pouco se preocupou em explicar as suas especificidades teóricas, focando exclusivamente na questão de como elas poderiam diferenciar os tipos de jogo de futebol.

*O mesmo pode-se dizer do que se tornou um modo caracteristicamente brasileiro de jogar futebol: um modo influenciado pelo ânimo dionisíaco, dançarino, festivo de afronegro que, no Brasil, pode-se dizer ter contrariado o ânimo apolíneo britânico. É como uma espécie de bailarino da bola que o brasileiro vem criando um futebol já universalmente famoso. E nacionalmente brasileiro (Freyre, 1980).*

O futebol praticado no Brasil era o do tipo dionisíaco – adjetivado como individual, improvisado, criativo, gingado, musical, malandro, mulato; já o tipo apolíneo era o europeu – coletivo, tático, forte, aplicado, previsível.

*A grande explicação é que o brasileiro recebeu o jogo inglês chamado “foot-ball” e toda terminologia em língua inglesa. Depois é que o brasileiro abraçou o futebol. Mas o brasileiro não abraçou somente a terminologia. O brasileiro recriou o futebol, e recriando o futebol, aproximou esse jogo – que para os ingleses era um jogo hirto, reto – de uma dança. O futebol brasileiro é realmente uma dança, com grande influência do samba. Você vê sua beleza, pois é um jogo que exercita muito a capacidade improvisadora do jogador. Vários especialistas, que às vezes têm tomado conta do fute-*

*bol brasileiro e querem fazê-lo voltar a ser um jogo europeu, criticam seu estilo. Pra mim é uma virtude. O brasileiro adaptou o futebol à sua própria vocação para a dança, para o baile, para a agilidade nos pés e nas pernas (Freyre, 2000).*

Deste modo, a história do futebol brasileiro pode ser considerada, segundo o viés de Freyre, como uma metáfora linear do seu modelo macroexplicativo, pois, tanto quanto o espaço rural da casa-grande e o urbano do sobrado, o futebol foi uma ideia central imposta pelo avançado colonizador – neste caso, o inglês (analogia ao patriarca); assimilada pelas demais raças, o negro e o indígena; desenvolvendo na sequência características próprias (a ginga e a malandragem); finalmente, tornando-se, a partir deste hibridismo racial, mais um símbolo que representava o sucesso nacional. Por sinal, desfecho perpétuo, pois, concluído o ciclo de integração e ascensão do mestiço no futebol brasileiro, é negado, pela teoria freyreana, qualquer tipo de tensão, crise ou questionamento sobre os jogadores brasileiros e seu estilo próprio – dionisíaco – de jogar futebol.

Pier Paolo Pasolini construiu as suas categorias sobre os estilos de jogar futebol sob a influência da semiologia de Saussure, bastante em voga na França e Itália a partir dos anos 1960, no ensaio intitulado *Il calcio è un linguaggio con i suoi poeti e prosatori*, poucos meses após a conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira, em 1970. Mais tarde, o texto completo foi publicado na coletânea *Saggi sulla letteratura e sull'arte*, em 1999.

Em um discurso lúdico (Orlandi, 1987), no qual afirma que o futebol é construído a partir de “podemas” – ou seja, os fonemas manifestos pelos pés –, o cineasta apresenta as duas categorias opostas que representam modos de praticar o futebol: em prosa ou em poesia.

*Pois bem, também pela língua do futebol se podem fazer distinções de gênero: mesmo o futebol possui subcódigos, a partir de que, de puramente instrumental, torna-se expressivo. Pode ser um futebol como linguagem fundamentalmente prosadora e um futebol como linguagem fundamentalmente poética (Pasolini, 1999, p. 2546, tradução minha).*

Era provável que Pasolini definisse o futebol brasileiro como tipicamente jogado em poesia e o italiano como essencialmente em prosa. Porém, ao contrário das categorias estabelecidas por Gilberto Freyre e Roberto DaMatta, o autor italiano alerta que não se trata de categorias valorativas: “Nota-se bem que entre a prosa e a poesia não faço distinção de valor; a minha é uma distinção puramente técnica” (Pasolini, 1999, p. 2548, tradução minha).

Como italiano que acompanhava e que jogou por muito tempo o futebol, Pasolini era um valorizador da aplicação tática, logo, não se tratava de uma questão de supremacia futebolística, mas sim, de valências diferentes, com particularidades que poderiam resultar na beleza estética, fosse prosa ou poesia. Assim, a definição era pautada, sobretudo, nos movimentos em campo e nas opções escolhidas pelos jogadores, residindo nestes quesitos da definição do futebol em prosa ou em poesia. Por exemplo, o drible, movimento supervalorizado no Brasil, é típico do futebol em poesia, da mesma forma que o passe ou lançamento são típicos do futebol em prosa. E mesmo que o futebol praticado fosse primordialmente em prosa (passes e triangulações), existiria um momento singular, o qual Pasolini afirmou ser sempre em poesia: o gol. Usando a seleção brasileira de 1970 como referência, o cineasta explica essa ideia da definição pautada na movimentação corporal: “Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores artilheiros? Os brasileiros. Então o futebol deles é futebol de poesia: e isso, de fato, é o que eles privilegiam, o drible e o gol” (Pasolini, 1999, p. 2550, tradução minha). Embora Pasolini não tenha explicitado no texto que se tratava de diferenças culturais, a ideia estava subentendida, pois os “podemas” – unidades mínimas que compõem os signos manifestos pelo futebol e só compreendidos por quem entende deste esporte – são escolhas individuais e coletivas bem localizadas espacialmente. Logo, o que tornava o futebol brasileiro em poesia era a escolha e valorização do drible, das jogadas individuais e da ofensividade em busca do gol; assim como o do italiano em prosa, pois a opção era pelo jogo de passes, triangulações e marcação defensiva.

A proposta de Roberto DaMatta, embora também pautada em uma bipolaridade, guarda uma singularidade: as aporias “futebol arte” e “futebol força” não são categorias desenvolvidas academicamente. É possível que estes termos já tenham sido usados décadas antes da apropriação de DaMatta, tanto que é a nomenclatura mais utilizada pela imprensa, especialistas e público em geral, ao menos no Brasil. É muito provável, também, que seja por isto que, dentre os três autores, DaMatta tenha sido quem menos se preocupou em explicar as categorias, pois, como um *habitus*, elas já estavam “incorporadas” nos apreciadores do futebol.

Por sinal, no clássico texto publicado na obra *Universo do futebol*, o conceito de força aparece de forma difusa, referindo-se mais às imposições sociais presentes no futebol do que propriamente a um estilo de jogo.

*Fez-se aqui uma junção entre o “jogo de futebol” e o “jogo da vida”. De modo que a derrota para o Uruguai foi tomada como uma metáfora para as “derrotas” da própria sociedade brasileira, sempre submetida às forças impessoais do destino. O futebol, portanto, trouxe à superfície o dilema entre motivações vivas e atuais, que desejam vencer, e as forças da “raça” – impessoais e incontroláveis –, que acabam conduzindo à derrota. A derrota no futebol acabou reativando um velho modelo cultural pessimista, expresso no drama de uma sociedade que se acredita “racialmente impura” (DaMatta, 1982a, p. 57-58).*

Mas, mesmo de modo sutil, a valência força aparecia como elemento sempre presente na contraposição entre o futebol praticado no Brasil e o praticado pelos europeus – “Observo que a ênfase da conceituação do “esportivo”, no universo social anglo-saxão, está na competição, na técnica e na *força*, ficando a sorte em último lugar” (DaMatta, 1982a, p. 56, grifo meu) –, pois esta seria necessária para explicar o estilo brasileiro; ou seja, existiria apenas como um meio de definição genérica do “outro”, para a compreensão detalhada da “identidade-nós” (Elias, 1994, p. 184-190). O futebol arte também aparece sutilmente neste primeiro texto, usado para afirmar que o Brasil só poderia se reconhecer a partir de manifestações artísticas populares, como o carnaval, o samba e o próprio futebol (DaMatta, 1982a).

Porém, nos anos que se seguem, DaMatta passa a ser reconhecido como um dos grandes intelectuais brasileiros, tornando-se uma das figuras mais proeminentes do meio acadêmico a circular na grande mídia, explicando, de forma simples, os mais diferentes fenômenos<sup>10</sup>. Isto fez com que passasse a usar das categorias futebol força e futebol arte com mais frequência e de modo mais livre, como na obra *A bola corre mais que os homens*, uma seleção de crônicas originalmente publicadas em jornais.

Em síntese, o futebol arte para o autor seria aquele que tem como representação máxima o selecionado brasileiro (principalmente os exemplos icônicos, como as seleções de 1958, 1962, 1970 e 1982), definido por características primárias (daí a fácil aderência do público em geral), como a habilidade individual, o drible, a jogada de efeito, o controle, a embaixadinha, a finta, a goleada, entre outras. Já o futebol força seria caracterizado como forte e viril (ambos em excesso), defensivo, covarde (em algumas circunstâncias) e, principalmente, “chato” (desmotivante). Ressalta-se que DaMatta não apresenta

<sup>10</sup> Atualmente, Roberto DaMatta é colunista de um dos jornais mais populares do Brasil, *O Estado de S. Paulo*. Mas, a mote de exemplo extremo, pode-se citar a sua participação no programa televisivo *Domingão do Faustão*, com a finalidade de explicar o comportamento dos participantes do programa *Big Brother Brasil*, ambos da Rede Globo de Televisão, a mais popular no país.

como características do futebol força a aplicação tática, tampouco a preparação física. As valências que definem tais categorias podem explicar, por exemplo, o porquê de muitos brasileiros – como o próprio DaMatta – enaltecerem o derrotado selecionado brasileiro de 1982 em detrimento ao vitorioso selecionado de 1994.

## Algumas notas relacionais (e finais)

A primeira observação acerca da relação entre os preceitos dos três autores, e provavelmente a mais evidente, é a de que modelos construídos a partir de categorias binominais e opositivas são repletos de exceções. Isto exigiu, por parte dos dois ensaístas brasileiros, constantes revisões; Pier Paolo Pasolini, não<sup>11</sup>. A principal delas, usada como um recurso constante era – e ainda é, no caso de DaMatta – atribuir a determinado jogador a condição de praticante de futebol arte/dionisíaco ou futebol força/apolíneo, flexibilizando, assim, o modelo e comportando a maioria das exceções. Por exemplo, Gilberto Freyre chega a usar o caso dos dois principais atletas brasileiros que atuaram na Copa de 1938, Leônidas da Silva e Domingos da Guia, como, respectivamente, representações do dionisíaco e apolíneo. No mesmo sentido, Roberto DaMatta destaca outros tantos casos de futebol arte praticado por não brasileiros, como Zidane, Messi e, sobretudo, Maradona. Por sinal, Pasolini, ao construir o seu modelo, já havia usado alguns jogadores do selecionado italiano como exemplos.

Um segundo ponto esclarecedor é que todos apresentaram os seus respectivos modelos a partir do impacto de atuações notáveis da seleção brasileira. Gilberto Freyre, o mais otimista, concebia inicialmente o seu modelo subsidiado pela conquista do terceiro lugar<sup>12</sup> no Mundial de 1938, quando o Brasil foi eliminado pela campeã Itália em um jogo bastante controverso<sup>13</sup>, por causa dos supostos erros de arbitragem – lembrando que, mesmo publicando o Prefácio de *O negro no futebol brasileiro* em 1947, por causa da Segunda Guerra Mundial, não houve Mundiais em 1940 e 44, ou seja, a Copa de 1938 era a última impressão que tinha do selecionado. E, após as conquistas subsequentes – 1958, 1962, 1970 –, a sua teoria, como já afirmado, ganhou um tom quase profético. Pasolini, por sua vez, escreveu logo após a conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira. A equipe, com Pelé, Tostão, Rivelino e Gerson, é o exemplo mais icônico do futebol

em poesia. Já Roberto DaMatta escreveu no período da Copa do Mundo de 1982, a famosa “campeã moral”, com Zico, Sócrates, Júnior, Toninho Cerezo e Falcão.

Por último: Gil (1994) acredita que o futebol arte surgiu já em 1938, quando periódicos franceses enalteceram os movimentos plásticos e acrobáticos de Leônidas da Silva, durante o Mundial (mesmo que os periódicos em questão não usassem exatamente o termo arte para defini-lo). Prossegue daí o autor concluindo que a definição deste tipo de futebol (em arte) se deu definitivamente quando Freyre se apropriou do conceito de dionisíaco de Nietzsche (na verdade, como apontado anteriormente, era mais influenciado pelo uso de Benedict), aplicando-o ao modo de jogar brasileiro. Logo, futebol arte seria o termo popular para o futebol dionisíaco.

Pois bem, mesmo considerando as conclusões de Gil rápidas e com evidências questionáveis, ao menos uma vez o próprio Roberto DaMatta emparelhou as duas categorias, futebol arte e dionisíaco. Curiosamente, DaMatta encerra o texto “Memórias, Brasil e futebol” também relacionando o futebol arte à poesia, mas aqui em outro senso que não o de Pasolini, pois, mais do que a representação de um jogar com elevada soberba estética, representa a utopia:

*Eu estou convencido de que o futebol, inventado à revelia pelos brilhantes e reprimidos ingleses do período vitoriano, é uma das mais recorrentes metáforas da vida (e dos seus dilemas) tal como ela é idealizada entre nós. Nele, queremos o futebol “arte”, o estilo dionisíaco de Gilberto Freyre e malandro – cheio de jogo de cintura, como mostrei faz tempo, mas exigimos “resultados” e “objetividade”: no caso, muitos gols. Eis o dilema: como conciliar o belo com o técnico? Como ajudar o povo sem impedir que uma centralização neoestalinista, voltada para permanecer no poder, produza fraudes, corrupção e impunidade? Como misturar um estilo de jogo pessoalístico, baseado na superexcelência de alguns craques que reinventam uma aristocracia no campo, com o jogo e pelo time que, como enfatizam os nossos teóricos do futebol, levam a uma identidade social específica – essa marca das grandes seleções?*

*Em outras palavras, como submeter todos à regra da lei e da coletividade (o time) se não dispensamos os salvadores da pátria, os messias do futebol [...]*

*Eu me pergunto se essa busca da arte com (e não contra) a técnica [...] não seriam as conjugações que implícita*

<sup>11</sup> Isto não consiste em isentar o modelo de Pasolini de críticas. Ao contrário, sofreu críticas como os demais. Por exemplo, Wisnik (2008), embora bastante simpático à teoria de Pasolini, não deixou de apontar que esta não comporta as formas elípticas presentes no futebol. O fato de Pasolini não reformular a teoria após sofrer críticas se deu pelo infortúnio de ter sido assassinado poucos anos após tê-la escrito, em 1975.

<sup>12</sup> A ideia comum ao torcedor brasileiro de que o que importa é apenas o primeiro lugar seria construída após a derrota de 1950 (Perdigão, 1986).

<sup>13</sup> Não cabe aqui uma discussão mais pormenorizada, mas Roberto DaMatta iria escrever sobre o papel (polêmico) da arbitragem no futebol.

*ou inconscientemente temos tentado declinar no Brasil. E se não é tempo de não tomar partido e saber de que lado nos situamos. Mas o que é que não cabe dentro de um sonho? E o futebol, como a poesia, é ótimo para sonhar e para revelar essa busca pelas causas perdidas (DaMatta, 2011).*

Enfim, categorias símile e com forte aderência popular na tentativa de explicar um fenômeno complexo. E é muito provável que seja exatamente por serem dicotômicas, simples e simplificadoras que encontrem tamanho respaldo social. É um consenso que o futebol inglês difundiu-se pelo Mundo no final do século XIX e início do XX em um processo – não consensual –, que pode ser considerado um bem-sucedido esforço civilizatório. Mas, no transcurso do século XX, ganhou características peculiares em vários países, nos quais se tornou a prática esportiva mais popular. Portanto, por mais evidentes que sejam os contrapontos entre o futebol sul-americano e o europeu, em países como Brasil, Itália, Argentina, Uruguai, Inglaterra, Alemanha, Espanha e França – só para citar os campeões mundiais –, tal modalidade guarda as suas próprias nuances culturais. Mas é necessário convir: seria praticamente impossível que algum intelectual, em um rápido ensaio, pudesse explicar de modo simples e direto tais diferenças culturais, tampouco o que o futebol representa para cada uma destas culturas.

## Referências

- ANTUNES, F.M.R.F. 2004. “Com brasileiro não há quem possa”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo, Unesp, 331 p.
- BENEDICT, R. 2000. *Padrões de cultura*. Lisboa, Livros do Brasil, 216 p.
- CAPRARO, A.M. 2013. *Histórias de matches e de intrigas da sociedade: a crônica literária e o esporte futebol*. São Paulo, Annablume, 482 p.
- CASTRO, R. 1992. *O anjo pornográfico*. São Paulo, Companhia das Letras, 457 p.
- CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M.S. 2002. *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo, Cortez, 328 p.
- DAMATTA, R. 1982a. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 124 p.
- DAMATTA R. 1982b. Futebol: ópio do povo X drama de justiça social. *Novos Estudos CEBRAP*, 1(4):54-60.
- DAMATTA, R. 2006. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro, Rocco, 209 p.
- DAMATTA R. 2011. Metáforas, Brasil e futebol. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,metaforas-brasil-e-futebol-,787424,0.htm>. Acesso em: 22/04/2013.
- ELIAS, N. 1994. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 262 p.
- FREYRE, G. 2004. Prefácio de O negro no futebol brasileiro. In: M. RODRIGUES FILHO, *O negro no futebol brasileiro*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 24-26.
- FREYRE, G. 1945. *Sociologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1315 p.
- FREYRE, G. 1999. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1261 p.
- FREYRE, G. 2000. *Jornal do Comércio*. Caderno de Esportes. Recife, 10 maio. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/JC/\\_2000/1004/es1004x.htm](http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1004/es1004x.htm). Acesso em: 06/02/2003.
- FREYRE, G. 1980. Possibilidades esportivas dentro de tradições brasileiras. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 17 ago. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos>. Acesso em: 06/05/2004.
- GIL, G. 1994. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9(25):100-109.
- GINZBURG, C. 2004. *Nenbuna ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo, Companhia das Letras, 146 p.
- HOBBSAWM, E. 1995. *Era dos extremos – O breve século XX*. São Paulo, Companhia das Letras, 598 p.
- HOBBSAWM, E. 2000. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 460 p.
- MAURER, D.; MAURER, A. 2000. *Guida letteraria dell'Italia*. Milano, Avallardi, 593 p.
- NIETZSCHE, F. 1992. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 175 p.
- ORLANDI, E. 1987. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 276 p.
- PASOLINI, P.P. 1999. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. Milão, Mondadori, vol. II, 3189 p.
- PASOLINI, P.P. [s.d.]. *Pier Paolo Pasolini – pagine corsare*. Disponível em: [http://www.pasolini.net/saggistica\\_ppp-e-il-calcioAM.htm](http://www.pasolini.net/saggistica_ppp-e-il-calcioAM.htm). Acesso em: 23/12/2012.
- PASOLINI, P.P. 1970. Disponível em: <http://leonardooliva.vpost.it/2012/06/calcio-letteratura-oppiacei/>. Acesso em: 03/03/2013.
- PERDIGÃO, P. 1986. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo, L&PM Editores, 287 p.
- RODRIGUES, N. 1993. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo, Companhia das Letras, 197 p.
- RODRIGUES, N. 1994. *A Pátria em chuteiras*. São Paulo, Companhia das Letras, 195 p.
- RODRIGUES, N. 2002. *O profeta tricolor – cem anos de Fluminense*. São Paulo, Companhia das Letras, 235 p.
- SOARES, A.J. 1999. História e invenção de tradições no campo do futebol. *Estudos Históricos*, 23:119-146.
- SOARES, L. 2006. *Rua do Ouvidor 110 – uma história da livraria José Olympio*. Rio de Janeiro, José Olympio Ed./FBN, 203 p.
- WISNIK, J.M. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 448 p.

Submetido: 15/02/2015  
Aceito: 21/08/2015